

Produtividade

Cafeicultura paulista apoia evolução em tecnologia, manejo e mecanização

João Alves de Toledo Filho*




Galho com frutos maduros: São Paulo é o segundo maior produtor de café arábica do país; Jacuí, MG, 2012

A quarta estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra brasileira 2012/13 indicou que o país alcançou 50,8 milhões de sacas, das quais a produção de arábica equivale a 38,3 milhões de sacas. O Estado de São Paulo é o segundo maior produtor de café arábica do país, com 5,4 milhões de sacas, volume que não varia muito dos resultados dos últimos ciclos de alta produção. Entretanto, ao analisar as safras dos anos de alta produtividade, desde 2007, nota-se uma crescente redução da área com café no Estado de São Paulo. Em 2007, tínhamos 212 mil hectares plantados e, em 2011, perfizemos 175.137 hectares, o que representou uma redução de 20% da área em produção.

A produtividade, por sua vez, cresceu de 18,4 sacas/ha, em 2007 e 2008, para 24,5 sacas/ha, nas safras 2011 e 2012

— média dos dois anos. Espera-se um aumento ainda maior nas safras 2012 e 2013. Esta crescente produtividade é fruto de muito trabalho dos cafeicultores paulistas, que investem em tecnologia, manejo e maquinário. As ações — como a eliminação de cafezais improdutivos, o emprego do plantio adensado, a condução com poda (safra zero), nutrição pautada pelas análises de solo e folha, implantação de cafeeiros adaptados à mecanização e o uso da irrigação em áreas com déficit hídrico — fazem a diferença na colheita. Um fato que certamente contribuiu para os resultados atuais foi a mecanização.

A decisão do produtor não veio somente para otimizar a produção, mas por necessidade, já que a mão de obra rural escasseia cada vez mais, graças ao desenvolvimento do país, que oferece

vantagens salariais acima da que a cafeicultura consegue assumir. Para redução dos custos de produção, o produtor recorreu à colheita mecânica; aos sopradores em substituição aos rastelos, para separar o café caído (varrição) e recuperá-los com as recolhedoras mecânicas. Desse modo, reduziram-se os custos, assim como o tempo nos processos. Pode-se dizer que, graças à mecanização, o cafeicultor paulista se mantém na atividade, além de contribuir com a evolução da cafeicultura no estado. Sem esses avanços tecnológicos, muitos produtores já teriam optado por culturas mais rentáveis. 

***João Alves de Toledo Filho** é engenheiro agrícola da Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec), localizada em Franca, SP (diretoria.executiva@cocapec.com.br).